

RECENSIÓN DE LIBROS / RECENSÃO DE LIVROS

O Sistema de Avaliação do Desempenho no Rorschach (SADR) Aplicação, Codificação e Interpretação, Manual Técnico (Rorschach Performance Assessment System Administration, Coding, Interpretation, and Technical Manual)

Danilo R. Silva¹

Introdução

A obra assim intitulada tem como autores Gregory J. Meyer, Donald J. Viglione, Joni L. Mihura, Robert E. Erard e Philip Erdberg, quatro dos quais integraram o Rorschach Research Council, criado por John E. Exner, em 1977, cujas “principais funções (eram) ponderar os resultados de nova investigação, planear e/ou implementar novos estudos sobre questões de garantia e validade e fazer recomendações relativas a aditamentos ou alterações ao Sistema” (Exner, 2003, p. xvi). Esta característica de toda a obra que assenta na investigação, na busca permanente do que pode proporcionar melhor compreensão do real, esteve presente no percurso de Exner, desde a publicação, em 1974, do seu *Comprehensive System*. Este resultou da análise dos cinco principais sistemas do Rorschach, vigentes nos USA, aos anos sessenta, e continha não só os resultados dos primeiros estudos por ela suscitados mas também todo um programa de investigação que veio a desenvolver-se e a enriquecer-se nas décadas seguintes, dotando o Rorschach da credibilidade científica requerida. A exigência de cientificidade que Exner pretendia para o Sistema que vinha a construir está presente não só nos sucessivos volumes publicados e respectivas reedições mas também no esforço dedicado à partilha desse ideal de rigor por quantos se propunham aderir e seguir a orientação do CS; como o atesta a publicação, em 1995, da obra *Issues and Methods in Rorschach Research*. Este foi, com efeito, o primeiro manual que aborda os principais problemas colocados no Rorschach, com respeito ao planeamento, metodologia e estatísticas relevantes das particularidades que lhe são inerentes a que se seguiu a criação, em 1997, do acima referido Conselho de Investigação.

É nesta linha de busca de objectividade e de cientificidade que se situa o trabalho apresentado pelos autores inicialmente referidos. Estes, de resto, referem que “muitas das inovações que distinguem o Sistema de Avaliação do Desempenho no Rorschach (SADR) foram originalmente iniciadas ou discutidas pelo Conselho de Investigação do Rorschach, como possíveis alterações do Sistema Integrativo (SI)” (p.2). Isto mesmo pode ser confirmado por quem se der ao trabalho de ler ou reler o Capítulo 3 da 4ª edição do SIR, datada de 2003. Refira-se ainda que grande número dos estudos relacionados com o Rorschach, designadamente os publicados na década de 90 e na seguinte, referentes às suas qualidades de instrumento dotado de garantia e validade, têm como autores os nomes inicialmente referidos, nomes que, para quantos haviam adoptado o Sistema Integrativo do Rorschach (SIR), como instrumento de avaliação da personalidade, significavam garantia de qualidade e rigor. Com a morte de Exner, em 2006, tendo-se verificado, nas palavras dos autores, “que não existia documentação clara que permitisse a evolução do SI com nova investigação que o tornasse mais útil aos futuros utentes” (p. 2), foi decidido avançar com a presente publicação.

O SADR

A designação do novo sistema implica, de si mesma, nova reflexão sobre a natureza do Rorschach, que permite a explicitação de aspectos geralmente admitidos por quantos o usam mas não haviam merecido a devida atenção e levam, naturalmente, à indicação da sua posição face aos instrumentos de

¹Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Portugal.

avaliação por resposta própria. Ao expressar que o novo Sistema do Rorschach constitui um método de avaliação do desempenho, os autores não apenas põem, em relevo, o comportamento do indivíduo que responde, segundo as instruções que lhe são dadas, mas destacam também a principal natureza da tarefa, que se traduz no modo pessoal, idiográfico como reage a uma situação que se pode considerar, em grande medida, desconhecida, bem diferente daquela em que deve dizer como reage em determinada situação explicitada, conhecida. Esta circunstância permite aos autores sublinhar dois aspectos: (1) a reconhecida correlação discreta entre os resultados da avaliação encontrados com o Rorschach e os obtidos com os questionários, inventários ou escalas de avaliação da personalidade e/ou respectivas variáveis; (2) o carácter complementar desses resultados, traduzido pelo facto de que a informação obtida a partir do que a pessoa faz numa situação desconhecida de solução de problemas enriquecerá, plausivelmente, a recolhida mediante a declaração pessoal, introspectiva sobre como reagirá em determinada situação conhecida.

Na sequência dos múltiplos estudos empreendidos nas últimas décadas, designadamente os suscitados pelas revisões impostas pela crítica publicada, os autores consideraram a importância e necessidade de uma “reformulação” do Rorschach. Esta última visa acentuar o fundamento psicométrico e internacional do teste mediante, entre outras acções, a consideração de apenas as variáveis dotadas de base empírica, clínica e de processo de resposta representacional, a obtenção de protocolos de extensão razoável, a introdução de novos índices servidos por aplicações estatísticas e computacionais actuais, o acesso a um programa de opção e a perspectiva internacional de utilização e recolha de dados.

Tratando-se de uma obra de grande importância, no âmbito dos estudos e conhecimento do Rorschach, que mantém todo o seu interesse no campo da avaliação da personalidade, campo que não cessa de dilatar-se, considerou-se devida a apresentação mais alongada das novas propostas ali contidas. Importa não perder de vista que o SADR descende do SIR, um sistema que foi, inicialmente, objecto de variadas críticas e reservas de muitos utilizadores de outros sistemas ou escolas de Rorschach. Em grande medida, o SADR pretende levar por diante o que o SIR iniciou, designadamente fortalecer a sua base científica e apresentar-se como um instrumento susceptível de ser regido pelos mesmos princípios e normas por quantos se proponham utilizá-lo. Tanto quanto Exner sempre manteve a abertura do seu Sistema aos frutos da nova investigação, o SADR deve ser considerado lídimo herdeiro e continuador da sua eminente obra.

A Aplicação do Rorschach

Em consonância com a expressão “avaliação do desempenho”, a aplicação do Rorschach é de novo avaliada e considerada em todos os seus momentos e extensão. Está em causa o desempenho comportamental do indivíduo que enfrenta a solução de um problema de natureza visual, perceptiva e cognitiva. O modo de aplicação é padronizado, pertencendo ao examinando, durante o período das respostas, conduzir o processo perante um examinador não directivo, que se esforça por não se fazer notar ou retirar-se do campo, sem deixar de estar atento a todas as modalidades de reacção verbais, gestuais ou outras do primeiro.

A aplicação do Rorschach tem duas fases, com características bastante diferentes: a *fase das respostas* à pergunta do examinador “O que poderia ser isto?” e a *fase da clarificação* em que se trata de clarificar quaisquer ambiguidades das respostas, de forma que a sua codificação se faça sem hesitação ou dificuldade. Cada uma destas fases acha-se longamente examinada e analisada, desde os preparativos da aplicação aos procedimentos a observar na fase de clarificação. Esta exigência de pormenor colocada na apresentação do modo de aplicação do Rorschach resulta, por um lado, da atenção dada pelos autores às múltiplas observações e pareceres recolhidos pela experiência própria e pela abundante troca com aprendizes ou com colegas de outros países, escolas, sistemas e, por outro e em particular, do requisito de padronização referido. Tendo em vista a preparação do iniciado, nota-se o cuidado de proporcionar ao leitor uma variedade tão ampla quanto possível de formas de reacção ou de comportamento do examinando, ao longo de toda a aplicação, acompanhadas da indicação do procedimento adequado do

examinador.

Sem entrar em outras considerações, são de destacar, pela sua novidade, três momentos importantes. O primeiro diz respeito à sequência comportamental do examinando, após receber as instruções “O que poderia ser isto?”. Se este mostrar que compreende e aceita a tarefa, o examinador acrescenta: “Procure dar duas respostas ... ou talvez três a cada cartão. Quer dizer, em cada cartão, tente ver duas coisas diferentes; ou mesmo três”. Este esclarecimento corresponde à intenção de se obterem protocolos de extensão razoável. Segundo os autores, a extensão óptima de um protocolo admite um número de respostas entre 18 e 27. O segundo momento visa também esta intenção: o *incentivo* tem lugar quando o examinando dá apenas uma resposta ao cartão e só tem lugar uma vez por cartão; a *recolha* tem lugar quando, após ter dado quatro respostas a um cartão, o examinando se propõe continuar a responder. O terceiro momento diz respeito à clarificação onde se destaca, entre outras indicações, que “O objectivo é codificar com precisão, não necessariamente ver a resposta exactamente como o respondente vê” (Meyer et al., p. 30). Quando o examinador se preocupa com certificar-se de que vê como o respondente, arrisca-se a cair num excesso de perguntas que constitui, além do mais, uma fonte de variabilidade entre examinadores. O examinador deve estar seguro de que dispõe da informação suficiente para codificar a resposta, não deixando de registar quaisquer elementos comportamentais – comentários, exclamações, verbalizações, gestos – inclusive os seus, susceptíveis de enriquecer a informação e proporcionar a um outro eventual codificador a possibilidade de o fazer com idêntica segurança.

O capítulo sobre a codificação básica inicia-se com a indicação de princípios que visam, naturalmente, a apresentação de modos e cuidados de aprendizagem e prática de codificação mas também a sua almejada uniformidade, inerente ao carácter padronizado do instrumento. Constitui um momento útil e sugestivo do Manual que, nos sistemas precedentes, não mereceu a carecida atenção.

Antes da apresentação dos diferentes códigos, os autores sugerem e indicam o modo computadorizado de codificar o protocolo, segundo o programa de cotação do SADR. Com efeito, a sua prática é bastante favorável, sobretudo para aprendizes, que poderão adoptar a codificação e introdução de protocolos segundo a opção “Apontar-e-Clicar”. Esta tem a vantagem de mostrar ao codificador todos os códigos possíveis de cada variável.

O novo Sistema apresenta uma sucessão de momentos de codificação muito diferente da geralmente observada. A folha de registo da sequência das cotações apresenta, no lado esquerdo, três colunas destinadas ao registo do número romano do Cartão, o número da resposta e a orientação do mesmo Cartão. Os eventuais comportamentos, correspondentes aos incentivos ou recolhas, são registados na última coluna da direita, pois são comportamentos do examinador. Após a coluna da orientação do Cartão em que a resposta é dada, vêm as colunas da localização e a do respectivo número, tratando-se de D ou Dd, a que se segue, no caso de respostas em que entra o fundo branco do Cartão, colunas para o registo do modo inversão figura-fundo (SR) e do modo de integração do espaço branco na mancha (SI), distinção nova introduzida em relação ao SIR. Segue-se a coluna do conteúdo (objecto visto). A rubrica de codificação dos conteúdos sofreu importantes mudanças. Permanecem os códigos conhecidos para os conteúdos humanos, animais, reais e imaginários, e mantêm-se dos restantes os conteúdos Anatomia (An), Arte (Art), Antropologia (Ay), Sangue (Bl), Vestuário (Cg), Explosão (Ex), Fogo (Fi) e Sexo (Sx). Todos os demais conteúdos são codificados NC (Não Classificado). Acerca desta alteração, os autores comentam: “Apenas os códigos com fundamento empírico, enquanto variável individual ou enquanto parte de uma medida compósita, são considerados como conteúdos específicos” (Meyer et al., p. 77). As cotações de NC dão informação sobre a complexidade do protocolo e só devem ser feitas uma vez por resposta, podendo, naturalmente, ser secundárias nas respostas codificadas com conteúdos específicos. Vêm, depois, as colunas referentes à Qualidade do Objecto que admite três modalidades: a da presença na resposta de mais de um objecto em relação entre si (Sy); a de um objecto que não tem forma própria ou pode assumir diversas formas, objecto de forma vaga (Vg); a indicação de pares de objectos (2). Seguem-se as colunas da Qualidade Formal e Populares. A Qualidade Formal admite três códigos: o (comum), u (incomum), – (menos) e n (sem forma ou contorno definido). A exclusão do código “+”

presente no SIR, justifica-se pela sua raridade e dificuldade de definição de critérios de codificação, geralmente reconhecida e geradora de variabilidade na codificação, com efeitos negativos nos estudos de garantia. As respostas Populares mantêm-se as treze do SIR, muito embora os autores reconheçam a necessidade de revisão da lista vigente pois, segundo as suas contas, “algumas respostas não listadas são tão comuns ou mesmo mais comuns do que as listadas” (Meyer et al., p. 448). Entre os determinantes registados na coluna seguinte, encontram-se algumas alterações, facilmente compreensíveis. Excluem-se o código Cn (nomeação da cor) e a indicação de domínio da Forma, nas respostas de cor acromática, de sombreado e de reflexo. A exclusão do código F nas respostas de Cor Acromática (C') e de sombreado Textura (T), Vista (V) e Difusão (Y) justifica-se pela grande dificuldade, frequentemente observada, em distinguir o domínio do Sombreado sobre a Forma, dando azo a grande variabilidade entre os cotadores e conseqüentemente sobrecarga na Clarificação, e também por se ter verificado que a não cotação do elemento F “ajuda a definir um factor de resposta vaga e impressionista” (Meyer et al., p.461). No que respeita à variável reflexo, mantêm-se o código r que contempla os anteriores Fr e rF do SIR.

A coluna dos Códigos Cognitivos – “indicadores de processos de pensamento perturbado ou ilógico” (Meyer et al., p. 48) – sucede à dos determinantes e não apresenta alterações em relação ao SIR. Segue-se-lhe a coluna dos Códigos Temáticos que pode considerar-se, em grau apreciável, novidade, pois aos existentes acrescentam-se diversos novos como: Autonomia Mútua Saúde (MAH), Autonomia Mútua Patologia (MAP), Movimento Agressivo (AGM), Conteúdo Agressivo (AGC) e Linguagem de Dependência Oral (ODL).

Os capítulos 4 e 5 constituem uma novidade no comum dos Manuais do Rorschach. É seu propósito tornar o Rorschach um teste de avaliação devidamente standardizado, desde o período da aplicação ao da codificação e tratamento dos resultados. A aplicação do Rorschach requer aprendizagem e treino supervisionados, condições essenciais à obtenção de protocolos válidos. Estas, no entanto, não evitam, integralmente, a surpresa inerente à prática de uma observação que, embora repetida, é sempre diferente como diferente de todas é a pessoa a observar. Este aspecto requer de quem aplica uma preparação suficiente para enfrentar, de modo adequado, formas atípicas de reacção susceptíveis de alterar as condições standardizadas da aplicação. No extremo, podemos dizer que a aplicação do Rorschach apresenta-se como uma tarefa cuja prática jamais pode ser considerada completamente adquirida, requerendo do prático a atitude humilde de quem nunca está bastante preparado, como acontece num sem número de situações e condições da vida, sem que isso invalide o devido esforço. Por sua vez, a codificação de protocolos, mercê da dimensão idiográfica presente, constitui uma contínua fonte de hesitações e incertezas. Os capítulos dedicados à codificação avançada e à clarificação procuram responder a estas dificuldades, esclarecendo, completando, complementando as directivas básicas enunciadas nos capítulos dedicados à aplicação e à codificação. Com efeito, cada pessoa tem o seu modo próprio de resposta, altamente variável.

A Qualidade formal

Dado o carácter eminentemente perceptivo da resposta, um dos aspectos fundamentais da sua cotação é o da qualidade formal dos objectos indicados como ajustados ou não à mancha ou a uma sua área. O nível de qualidade formal das respostas de um protocolo é um indicador da adesão da pessoa ao convencional, do estado do seu exame da realidade, do grau de adaptação ao ambiente circundante, aspectos cruciais na avaliação da personalidade.

Alguns manuais do Rorschach apresentam longas listas de respostas classificadas quanto à sua qualidade formal. São listas geralmente resultantes da aplicação do instrumento a amostras de indivíduos testados como não pacientes ou “gozando da sua integridade mental”, para usar a expressão de H. Rorschach (1967, p.11). Uma das listas de Qualidade Formal mais completas e criteriosamente elaborada, dentro da bibliografia do Rorschach, é a editada por Exner que, na sua última versão, contém, para cada cartão e respectivas áreas, 205.701 respostas provindas de 9.500 protocolos (Exner, 2003, p. 122).

No SADR, os autores, empenhados numa apresentação devidamente caracterizada e fundamentada,

começam por observar que a Qualidade Formal (QF) das respostas considera dois elementos distintos do que constitui a Precisão Perceptiva geral: o **ajuste** da forma do objecto percebido à mancha ou parte dela indicada e a **frequência** com que tal objecto é percebido nessa área.

Os quadros da QF apresentados no SADR têm três fontes distintas:

(1) um conjunto inicial de um pouco mais de 13.000 objectos distintos, provindos de diversos quadros de QF apresentados pelos mais conhecidos sistematizadores norte-americanos do Rorschach;

(2) o ajuste resultou das cotações da Precisão Formal, segundo uma escala de 5 pontos, efectuadas por 569 juízes de onze países de diversas latitudes, que cotaram 13.031 objectos de resposta, tendo cada objecto sido cotado 9,9 vezes em média. Após várias medidas ensaiadas no sentido da classificação de tais cotações, optou-se pela seguinte classificação da Precisão Formal: os objectos com uma cotação média de 2,4 e abaixo foram considerados como F-; os objectos com uma cotação média de 3,5 ou mais foram considerados como Fo; os objectos com cotação média entre 2,5 e 3,4 foram considerados Fu (Meyer et al., p. 179);

(3) os dados relativos à frequência provêm dos quadros de QF elaborados a partir do desenvolvimento de dados normativos em cinco países: Argentina, Brasil, Itália, Japão e Espanha, sendo a amostra deste último constituída por pacientes externos. Foram tidos em conta todos os objectos referidos por pelo menos 1,5% de cada amostra. Cada objecto foi emparelhado com os das outras amostras e também com a amostra cotada pelos 569 juízes acima referidos.

Tendo em vista a generalizabilidade internacional dos dados, cada objecto foi considerado do seguinte modo: atribuiu-se a menor ponderação aos objectos não identificados em nenhuma das amostras; uma ponderação reduzida a objectos referidos em pelo menos 1,5% dos participantes numa amostra; a ponderação mais elevada aos objectos referidos por pelo menos 1,5% dos participantes em duas ou mais amostras.

A partir de todas estas fontes de dados, norte-americanas e internacionais e com a preocupação de tornar os quadros de QF razoavelmente manuseáveis, foi seleccionado um subconjunto de 5060 objectos com cotações de Precisão Formal e dados de Frequência. Merece destaque, neste trabalho, a iniciativa do estudo do ajuste da QF mediante a avaliação por juízes de diferentes países, 42% dos quais não tinham conhecimento dos borrões de tinta. Constitui, a nosso ver, uma decisão notável que confere ao Rorschach uma caução acrescentada de objectividade.

Os dez Quadros da QF estão organizados, em grande medida, de forma original, embora mantenha semelhanças com as já conhecidas. Em relação às do SIR, há ligeiras alterações nas folhas de localização das respostas que permitem eliminar algumas ambiguidades e incertezas. Para cada localização, é indicado, em primeira linha, o número de objectos ali vistos. Estes acham-se ordenados, em primeiro lugar, segundo a orientação do cartão, depois, segundo o tipo de objecto e por fim alfabeticamente. Tendo em vista facilitar a busca dos objectos, diferenciaram-se quatro formas tipográficas: negrito (objectos humanos ou de tipo humano, incluindo partes externas do corpo), negrito e itálico (objectos de tipo humano ou de tipo animal ou de ambos os tipos), itálico (objectos de animal ou de tipo animal, incluindo partes externas do corpo), sublinhado (imagens anatómicas ou biológicas), comum (todos os outros tipos de objectos). Dentro de cada uma destas formas, os objectos sucedem-se por ordem alfabética.

Na sequência do Manual, surge um capítulo destinado à prática da codificação, onde se apresenta uma centena de respostas dispostas por dificuldade crescente, acompanhadas da respectiva clarificação. Seguem-se as devidas localizações e codificações. Finalmente, para cada resposta considerada como susceptível de levantar alguma dificuldade de codificação, os autores apresentam a razão ou razões que levaram à codificação atribuída.

Segue-se um capítulo dedicado ao lançamento das codificações do protocolo intitulado significativamente *Conversão do nível de resposta em nível de protocolo*. Mostra muito claramente que uma tal tarefa muito dificilmente será empreendida sem o recurso ao programa informático construído para o efeito e cujo principal autor é o colega brasileiro Fabiano K. Miguel.

Estabelecimento de dados normativos

A criação de dados normativos de referência constitui, naturalmente, um ponto essencial do novo sistema. Em 2007, Erdberg e Schaffer publicaram um número suplemento do *Journal of Personality Assessment*, que reuniu diversos estudos com dados normativos de adultos e, em pequeno número, de crianças e adolescentes. Com a progressiva revisão em curso do SIR, que veio a dar lugar ao SADR, os autores deste último, alguns responsáveis pela publicação do Suplemento (*Journal of Personality Assessment*, Supplement 1, 2007), verificaram que as médias obtidas naqueles estudos normativos se assemelhavam de forma flagrante entre si. A partir das 13 amostras do Suplemento, acrescidas de outras duas, obtidas segundo o modo de aplicação preconizado no SIR, constituíram uma amostra de 1396 protocolos, escolhendo até cerca de 100 protocolos de cada uma. Com base em uma amostra de 123 protocolos de norte-americanos, obtidos segundo as instruções de aplicação R-Otimizado, e na análise estatística dos respectivos dados, cartão a cartão e total, os autores verificaram que, dos 1396 protocolos, 640 detinham as características correspondentes aos resultados encontrados naquela amostra. Com efeito, comparando as médias e desvios padrão das duas amostras, verifica-se uma elevada correspondência entre valores, cartão a cartão.

A partir destes dados, os autores avançaram para o estabelecimento de dados normativos provisórios do SADR, mediante o recurso de modalidades estatísticas adequadas e precisas que permitiram a elaboração da leitura e valoração dos resultados segundo diversos níveis de precisão. Assim os dados obtidos passam pela determinação dos percentis de todos os resultados brutos de cada variável, aspecto que permite ao utente avaliar quão raro ou frequente tal resultado é. Segue-se a conversão desta distribuição segundo a curva normal, com uma média de 100 e desvio padrão de 15.

Indicados os modos de aplicação do Rorschach, de obtenção do respectivo registo de respostas e sua clarificação, de como as codificar e praticar a codificação, estabelecidos os dados normativos a partir de uma amostra local e de outra internacional, entra-se no momento da interpretação.

Interpretação

O modo de interpretação de um protocolo é precedido, neste Manual, pela indicação de um certo número de princípios de que passamos a dar algumas ideias mais salientes. Tendo presente a ideia primordial de que um protocolo de Rorschach traduz o desempenho do indivíduo na execução de uma tarefa, com as características típicas das de solução de certos problemas perceptivos, salienta-se, desde logo, que o seu comportamento denunciará características da “personalidade em acção”, de que o mesmo indivíduo poderá nem estar ciente, dado achar-se concentrado naquela execução. Este aspecto põe em destaque a diferença flagrante do papel do respondente quando responde a este teste e quando responde aos testes de resposta pessoal, questionários e inventários. No primeiro caso, o indivíduo está implicado na resposta a um problema de natureza primordialmente perceptiva cuja solução se acha exclusivamente nas suas mãos; no segundo caso, ele é confrontado com uma situação ou condição real concreta, perante a qual deverá declarar se ela é verdadeira ou falsa a seu respeito ou como reage ou reagiria. Ao tentar identificar formas em borrões de tinta escassamente estruturados, a atitude e comportamento do indivíduo em observação-avaliação tem muito pouco de comum com declarar se certa forma de actuação conhecida é ou não perfilhada por si. Enquanto, no Rorschach, o comportamento ou desempenho é avaliado de fora, no caso dos testes de resposta pessoal, estamos perante um modo de auto-avaliação do comportamento segundo formas pré-definidas de resposta. Retomando a questão da interpretação, as variáveis por que se traduzem o comportamento e a personalidade, foram, frequentemente, objecto de validação assente em aturada investigação, e têm por base o processo de resposta por que se manifesta o desempenho do indivíduo.

Tendo em conta que a aplicação do Rorschach se insere em determinado contexto, clínico ou outro, orientada, por conseguinte, para a recolha de certa informação ou resposta a um pedido ou pergunta, é conveniente que o examinador disponha do conhecimento de tais elementos antes de a iniciar. Deste modo, ele disporá de dados que, como hipóteses, orientarão a sua valoração dos resultados obtidos, em

particular daqueles que se afastam do expectável. Esta perspectiva põe claramente de manifesto que a interpretação se baseia nos dados do teste e nos dados da pessoa, isto é, que a avaliação em curso não constitui apenas um exercício mas tem um objectivo definido.

Tal como se procede em muitos outros testes, também a análise e interpretação dos resultados deve iniciar-se com as variáveis mais abrangentes, como são os índices ou as variáveis de maior frequência, e passar às mais específicas e, do mesmo modo, caminhar das variáveis empiricamente mais sólidas para as menos seguras.

Na sequência da intenção de Exner de tornar o Rorschach um instrumento válido de avaliação psicológica, o que, em grande medida, logrou alcançar no seu tempo, os autores do presente Manual, boa parte deles seus próximos colaboradores, permanecem fiéis a esse programa e esforçam-se por “melhorar as qualidades psicométricas e estatísticas do teste de modo a apoiar inferências nomotéticas informativas válidas” (Meyer et al., p. 320). Tal postura, no entanto, não os impede de reconhecer que o Rorschach contém em si próprio uma fonte de dados de natureza idiográfica que, além de não poder deixar de ser reconhecida, confere à interpretação aquela nota diferenciadora que permite reconhecer este protocolo como pertencente a este indivíduo. Tal dimensão idiográfica não briga com os requisitos psicométricos desejáveis do instrumento, já que se procede à incorporação daquela nestes. Devem merecer especial atenção ao leitor todas as passagens referentes à presença da dimensão idiográfica do Rorschach e sua integração na perspectiva da validade psicométrica, aspecto que se encontra especialmente contemplado entre os procedimentos interpretativos, alínea n no terceiro momento das actividades interpretativas que designa o sintetizar dos dados (pp. 326-328).

Embora sem a esquematização inovadora e muito bem aceite, proposta por Exner, para a sequência do processo interpretativo dos protocolos, o Manual indica quatro domínios de variáveis do Sumário. A agregação das variáveis nos respectivos domínios obedece ao critério da “melhor investigação e validação comportamental” (Meyer et al., p. 320) em relação a cada domínio. Estes, porém, não são estanques nem definitivos, mantendo-se abertos a outros modos de organização. São eles: **Envolvimento e Processamento Cognitivo** que contempla as variáveis ligadas ao funcionamento perceptivo-cognitivo, solução de problemas ou níveis de confrontação (coping), grande número delas integrando o Índice de Complexidade; **Problemas de Percepção e Pensamento**, onde se reúnem as variáveis indicadoras de perturbações nos campos da Percepção e do Pensamento, eventuais indicadores de psicose; **Estresse e Angústia** que reúne as variáveis indicadoras de mal-estar afectivo ou confusão emocional, geralmente encontradas entre os códigos de determinantes, de conteúdos e temáticos; **Representação de Si Próprio e do Outro** que contempla as variáveis relacionadas com as relações de objecto e interpessoais e com o esquema de si próprio, com implicações para a imagem de si próprio, a experiência de si próprio, a competência interpessoal e relações.

A interpretação de um protocolo é feita a partir do significado conferido às variáveis de cada um dos domínios, significado este que se encontra especificado nos respectivos Quadros. Uma nota final referente ao teste de Rorschach, enquanto teste de avaliação do desempenho, é a de que ele não deverá ser tido como um instrumento que apenas revela aspectos negativos e patológicos, ideia que poderá ter-se formado a partir do seu uso frequente em contexto clínico. Hoje, a indicação dos aspectos positivos neste mesmo contexto, como via de recuperação e tratamento, constitui um momento crucial da avaliação clínica.

Ao enumerar os procedimentos a observar na interpretação, os autores começam por sensibilizar o intérprete para o facto de que as perguntas e informações recolhidas referentes ao indivíduo bem como o objectivo da avaliação são parte do processo interpretativo, como o é a acção de codificação do protocolo, o seu lançamento no computador e a obtenção das folhas de registo dos resultados a que se juntam os olhares pesquisadores.

As actividades interpretativas propriamente ditas são o que os autores designam de quatro S's: son-
dar, separar, sintetizar, resumir (p. 323).

Sondar consiste em rapidamente lançar um olhar pelas páginas de perfil, em busca das variáveis

cujos valores se situam abaixo de 80 ou acima de 120. Deste modo, fica-se com uma ideia de como se apresenta o protocolo no seu todo. Naturalmente, as notas muito altas ou muito baixas indicarão aspectos particulares do respondente que o distinguem da generalidade da amostra em que se situa.

Separar De posse de uma ideia globalizada das características mais salientes do protocolo e das questões e objectivo que regem a avaliação, analisam-se separadamente as notas padronizadas das variáveis, em cada secção, com vista a uma primeira interpretação plausível. Começando com as variáveis comportamentais – incentivos, recolhas, rotações e observações registadas ao longo da aplicação –, passa-se, então, à análise da Complexidade, nova e importante variável introduzida no SADR. Trata-se de uma variável presente em todas as respostas do protocolo, cujos componentes contribuem mais e menos para indicar em que medida o respondente se envolve ou empenha na realização da tarefa que lhe foi proposta. Três são os componentes da complexidade: 1. Localização, Espaço Branco e Qualidade do Objecto; 2. Conteúdo, diferenciado em Animal, completo ou parcial, real ou imaginário, conteúdo não-Animal único e conteúdos múltiplos, inclusive animal; 3. Determinantes, diferenciados em determinante F único, outros determinantes únicos e determinantes múltiplos. A informação inicial acerca do nível de complexidade atingido no protocolo e respectiva interpretação, de acordo com as indicações propostas, não só leva o psicólogo a olhar as diversas variáveis e secções, armado de um conhecimento decisivo sobre o alcance dos dados em presença, como permite apreciar o funcionamento do respondente na diversidade dos campos analisados, tendo em conta as informações disponíveis a seu respeito e os resultados obtidos nas demais provas aplicadas. Vejo também nesta variável uma aproximação fecunda do problema, frequentemente enfrentado pelo clínico avaliador, ao deparar com resultados díspares nas diversas provas aplicadas, como, por exemplo, deparar com um protocolo de Rorschach pobre num examinando com um resultado alto no nível intelectual e vice-versa. Ela pode contribuir para o esclarecimento dessa disparidade do funcionamento.

De posse desta análise e do conhecimento proporcionado, a separação das variáveis nos quatro domínios interpretativos far-se-á com um fundamento mais sólido, esclarecido e profundo.

Sintetizar Ao iniciar a caracterização desta acção interpretativa, os autores aludem a “um erro frequente, cometido por muitos clínicos, nos seus começos, que consiste no uso dos dados do teste para afirmar o que pensam que sabem, com base na história da pessoa” (Meyer et al., p. 325). Ora, este conhecimento não serve para confirmar o que se encontra no teste, antes para orientar, dar olhos ao pesquisador de forma que possa alcançar uma melhor compreensão do que se passa com o cliente e assim apurar a resposta a proporcionar-lhe.

Trata-se, agora, de ir dos compostos ou agregados de variáveis para os respectivos componentes, para ver em que medida estes ou apenas parte destes contribuem para o resultado final. O intérprete acha-se em condições de caracterizar o funcionamento do respondente em cada domínio, de ensaiar hipóteses interpretativas.

Neste ponto, a interpretação das notas da Complexidade Corrigida tem lugar. Usa-se considerar as Notas Padronizadas da Complexidade situadas abaixo de 85 e acima de 115. A vantagem da consideração das Notas Padronizadas reside em indicar quais as notas de complexidade altas e baixas ou quais as forças e fraqueza num protocolo, com determinado nível de complexidade. “As notas de Complexidade Corrigida, escrevem os autores, mostram como seria o protocolo da pessoa se ela tivesse um nível de complexidade comum, isto é, como se a complexidade estivesse aumentada ou diminuída face a um nível médio ou comum” (Meyer et al. p. 326). Por isso, as interpretações daquelas notas que sofrem o efeito da complexidade corrigida deverão ser apresentadas sob a condição tendo em conta o nível de complexidade, isto é, destacando o seu carácter relativo.

Após a consideração e interpretação dos dados nomotéticos do teste, atrás referidos, é tempo de os confrontar com os elementos idiográficos disponíveis. Normalmente, estes elementos vão ao encontro daqueles e, quando isso não acontece, deverá pôr-se em causa o caminho trilhado para aí chegar. Vale a pena enumerar as fontes de dados idiográficos consideradas no Manual: apelo dos cartões, conteúdo das respostas, comportamento do respondente, colocação frente a frente de aspectos idiográficos e da

interpretação comum, análise da sequência de respostas. Esta enumeração permite, desde logo, verificar que muito do que é prática usual de outros sistemas permanece presente neste, assumindo o seu devido papel. Todas estas fontes de dados podem proporcionar elementos sugestivos importantes.

Sumariar Neste momento, o intérprete deve estar pronto para completar a sua ideia sobre o examinado e condensar aquilo que aprendeu sobre aquela pessoa mediante a interpretação.

O passo seguinte, nestes procedimentos, consiste na integração dos dados do Rorschach com os de outros testes e fontes de informação, aspectos que, por sinal, merecem aos autores reflexões e considerações pertinentes, respeitantes à natureza dos diferentes dados recolhidos.

Ao salientar-se que o Rorschach é um instrumento de avaliação da personalidade a partir do desempenho, estamos em condições de compreender melhor a importância do processo de resposta na sua interpretação. Com efeito, o reconhecimento e designação dos indicadores do desempenho em cada resposta codificada permitem entrar em contacto com o comportamento do respondente ou revelam o processo responsivo em presença. Os autores esclarecem: "definimos o processo de resposta como os factores que levam à ou produzem os comportamentos da tarefa captados por determinado código.(...) Os factores ou os elementos psicológicos relevantes estão embutidos no comportamento e na imagética codificada do respondente os quais encerram os seus ou as suas competências, esforços organizadores, estilos de processamento, sentimentos, ideias, motivos, conflitos" (Meyer et al., p. 330).

Nesta linha de busca da compreensão do comportamento subjacente a uma resposta, condição de uma interpretação adequada, os autores começam por apresentar diversos quadros sucessivos onde, para cada codificação de variável, se indicam as bases comportamentais de cada representação. Assim, por exemplo, para a variável D, regista-se na coluna Processo de resposta – Base Comportamental da Representação: "A pessoa usou uma parte óbvia do borrão, frequentemente escolhida na produção duma resposta. Por isso, o uso de uma área de detalhe comum para resposta implica um exemplo de comportamento que dá atenção aos aspetos mais óbvios do ambiente visual. Além do mais, representa uma preferência por optar pelo mais fácil, pela parte mais manuseável da tarefa." (Meyer et al., p. 333)

Após a apresentação de cada variável em termos de fundamento ou base comportamental da representação da resposta, segue-se a sua interpretação ao nível do protocolo. Precedidas pelo grupo de três variáveis comportamentais ligadas à aplicação do teste, seguem-se todas as variáveis integradas nos quatro domínios, em que são objecto das respectivas interpretações, e constituem as **Notas do Sumário no Perfil da Página 1**.

O primeiro grupo de variáveis considerado é o relativo às **Observações e Comportamentos na Aplicação**.

O primeiro grande domínio de variáveis objecto de análise e interpretação – **Envolvimento e Processamento Cognitivo** – reveste-se de manifesto interesse, tanto quanto nele se encontram as variáveis responsáveis pela complexidade expressa do examinado, sua produtividade, seus recursos, sua motivação e envolvimento na tarefa. O nível de complexidade é revelador da medida em que qualidades pessoais como a inteligência, a criatividade, a curiosidade, a atenção ao pormenor, a abertura à experiência, a produtividade e os recursos psicológicos estão mais ou menos presentes nas respostas. É fácil reconhecer quanto a complexidade, de uma maneira ou de outra, está, por assim dizer, presente em todo o protocolo e quanto a sua compreensão é decisiva para a avaliação da personalidade do examinado. Não deverá, no entanto, encarar-se tal característica como unívoca, pois ela pode ser uma qualidade autêntica da pessoa, como pode ser de natureza situacional ou consequência de um estado ou mesmo de uma intenção. Daí a importância de que o examinador esteja de posse do histórico do examinado, da finalidade do exame e das eventuais razões que possam levar este último a assumir reacções ou comportamentos afastados do esperado.

Domínio da Percepção e Pensamento. Diz respeito às variáveis que denunciam problemas de percepção, de formação do juízo e perturbações do pensamento e, conseqüentemente, apontam para condições de esquizofrenia e perturbações de foro psicótico. Naturalmente, aqui também se encontram as variáveis indicadoras de convencionalidade e de correção perceptiva.

Domínio do Estresse e da Angústia. A própria designação indica qual a natureza das va-

riáveis integrantes, muito embora possam veicular ligações a outros conceitos ou fenómenos.

Domínio do Si Próprio e da Representação do Outro. Todas as variáveis reunidas neste domínio proporcionam informação acerca do Si próprio, dos outros e das relações interpessoais. Pela própria natureza do seu objecto, têm implicações para os demais domínios, como as daqueles têm para este.

Notas do Sumário no Perfil da Página 2

A interpretação das variáveis do Perfil da Página 2 carece de mais cautela, assumindo maior importância a circunstância de as respectivas notas se afastarem bastante dos valores médios, isto é, corresponderem a valores abaixo ou acima dos percentis 85 e 115 respectivamente. Apresentam-se aqui as interpretações atribuídas a cada uma das variáveis nos mesmos quatro domínios.

Este capítulo dedicado à interpretação, inteiramente novo no modo como se encontra organizado e apresentado, proporciona ao leitor um modo de aprendizagem por assim dizer natural, pois começa por dar acesso ao significado das variáveis, em termos de comportamento, permitindo alcançar o nível psicológico mais abstracto, aquele a partir do qual geralmente se introduz a tarefa da interpretação. Deste modo, a interpretação adquire outra autenticidade e assenta sobretudo no conhecimento dos conceitos. O capítulo seguinte ilustra o procedimento interpretativo mediante a interpretação de um protocolo.

Acções de investigação

Os capítulos restantes apresentam a investigação desenvolvida que levou à chamada “aplicação otimizada”, ao desenvolvimento dos quadros da qualidade formal, aos estudos da garantia inter-cotadores e garantia teste-reteste e à escolha e validade das variáveis.

No que se refere à aplicação otimizada, estava em jogo a menor garantia e validade do Rorschach, no caso de se manter elevada a variabilidade da produção de respostas cujos desvios padrão, em muitas amostras, atingiam valores de 8, 9 e 10, para Rs médios de 22 e 23. Com efeito, diversas dificuldades se levantavam a partir da aceitação de protocolos de extensão variada. Ao excluir protocolos com menos de 14 respostas, Exner obteve uma média e desvio padrão de R aceitáveis. A sua introdução, no modo de aplicação, de não aceitar mais de 5 respostas por cartão, também contribuiu para atenuar aquela variabilidade mas não de modo suficiente, como se comprovou com os valores obtidos pelas novas amostras recolhidas, designadamente as internacionais. Por outro lado, o número de protocolos curtos, com menos de 18 respostas e os longos, com mais de 28 respostas eram numerosos. Conhecendo a elevada correlação existente entre R e um elevado número de variáveis, subsistia sempre a incógnita de se saber se determinado valor traduzia de facto um aspecto da personalidade do sujeito ou era efeito da referida correlação. Estas e outras limitações determinaram a opção dos autores pela adopção do modo de “aplicação otimizada” que proporciona a distribuição do maior número de protocolos com Rs entre 18 e 27, eliminando-se os protocolos curtos, com insuficientes dados para caracterização da personalidade, e os longos, consumidores de tempo e eventuais fontes de erro na avaliação.

A investigação respeitante ao estabelecimento dos quadros da Qualidade Formal merece igualmente ser aqui destacada em alguns pontos. A avaliação da Qualidade Formal de um protocolo visa determinar até que ponto, ao indicar a multiplicidade de objectos que reconhece nos borrões de tinta, o respondente revela qualidades de precisão e convencionalidade perceptiva ou elementos indicadores de distorção ou de percepção demasiado idiossincrática.

Ao considerarem a precisão perceptiva, os autores consideram o ajuste ou o grau de ajustamento entre o objecto percebido e o borrão em que se localiza e a frequência com que tal objecto se localiza no borrão indicado.

O estudo do **ajuste** formal foi efectuado numa multiplicidade de países de todas as longitudes e latitudes. Solicitava-se a cada juiz que se pronunciasse, numa escala de cinco pontos – ponto 1. Não, não consigo vê-lo de modo nenhum. É claramente uma distorção. ponto 5. Em definitivo. Acho que parece exactamente ou quase exactamente assim. – em que medida determinado objecto se ajustava ou não ao borrão ou parte dele devidamente reproduzido.

No estudo da frequência formal, partiu-se de diversas listas de qualidade formal elaboradas a partir de diversos estudos normativos em vários países, quase sempre efectuados segundo o SIR de Exner, num total de 2.768 protocolos. Contaram-se todos os objectos de resposta que foram referidos por pelo menos 1,5% das pessoas de cada amostra, com excepção de uma destas que havia publicado os resultados com os objectos vistos por pelo menos 2% da amostra. Este estudo permitiu destacar um aspecto conhecido mas jamais apontado nos estudos do Rorschach, relativo à distribuição das frequências dos objectos percebidos. Estas “seguem o aspecto da distribuição de Zipf, também conhecida como distribuição de Pareto, distribuição z, distribuição por ordem de tamanho ou distribuição pela lei do poder.” (Meyer et al., 417). Expressa em palavras comuns, esta distribuição traduz a realidade de que os “grandes acontecimentos” são raros mas os “pequenos” são frequentes. Uma tal distribuição aplica-se às frequências com que os objectos são percebidos no Rorschach. O aspecto desta curva é o de uma distribuição em que os grandes números ocorrem na origem, segundo uma distribuição vertical, a que se segue um grande e longo número de objectos cujas frequências são reduzidas.

E os autores comentam a propósito desta distribuição: “Com estes dados em mente, é claro que o braço quase vertical à esquerda do gráfico reflecte a vincada estrutura perceptiva da tarefa; a porção quase horizontal da maioria dos objectos por assim dizer únicos é a sua longa cauda idiograficamente rica.” (Meyer et al., p 419).

Os quadros da QF do SADR resultam da integração de três fontes de dados: a cotação da precisão formal (ajuste), a avaliação da frequência e a QF do SIR. Segundo estas fontes, foi construído um algoritmo que permitiu estabelecer para cada objecto a correspondente QF. A síntese dos resultados em termos de distribuição da QF corresponde logicamente à esperada: o número mais elevado de entradas cotadas preenche a QFu; o segundo corresponde à QF-; o terceiro, que reúne o maior número de respostas dadas e menor número de entradas, corresponde à QFo.

Os estudos da garantia abrangem a garantia inter-cotadores e a garantia por consistência temporal. A indicação do nível da garantia inter-cotadores dos protocolos do Rorschach tornara-se uma prática essencial nos estudos efectuados com este instrumento. Impunha-se verificar se, no caso do SADR, se obtinham níveis idênticos de garantia aos obtidos com o SI. Dados de tais estudos são apresentados, dois efectuados por psicólogos com grande prática e conhecimento e um terceiro por estudantes graduados. Os resultados revelam a ocorrência grandemente maioritária de valores indicadores de boa a excelente garantia. Um outro estudo de garantia incidiu sobre a cotação das novas variáveis introduzidas no SADR: SR, SI, MAH, MAP, AGC e ODL. Os resultados obtidos traduziram igualmente níveis de garantia de bom a excelente em todas as variáveis. As variáveis onde se verificaram mais oscilações de resultados, particularmente da parte dos juizes com menor prática foram MAH e MAP.

Os autores referem, com pertinência algumas limitações dos estudos de garantia inerentes à sua própria natureza. Com efeito, os intervenientes partilham geralmente o mesmo contexto e, quando implicados na tarefa, são mais atentos e cuidadosos o que contribui para a maior consistência e elevação dos resultados.

Um capítulo de grande importância quer pelas contribuições que proporciona, quer pelas questões e dúvidas que levanta é o que se debruça sobre a selecção e validade das variáveis do SADR. Como já se referiu atrás, os autores distinguem entre as variáveis da página 1 e as da página 2, considerando aquelas como dotadas de comprovado apoio empírico e estas como menos seguras e requerendo cautela na respectiva interpretação.

São quatro as condições que assistem à selecção das variáveis: 1. confirmação factual pela literatura científica publicada; 2. expressão em termos de comportamento no processo de resposta; 3. Reconhecimento por utilizadores experimentados; 4. Economia no sentido de se evitarem variáveis redundantes. Todas as variáveis escolhidas para integrarem o SADR tiveram uso no passado, integradas ou não em algum sistema do Rorschach.

Todas as variáveis do SADR encontram aqui definidas a ou as razões da sua selecção. Pareceu pertinente indicar algumas considerações referidas com respeito a algumas variáveis. No que se refere à

variável R, que já atrás foi objecto de análise, vale a pena dizer que as suas correlações médias com as variáveis das Páginas 1 e 2, são respectivamente de 0,17 e 0,18, graças à modalidade R-Otimizado de aplicação.

Uma outra variável cujo significado apontado no SIR é posto em questão é $M+W\text{Sum}C$, equivalente à variável EA daquele sistema, confirmada pela investigação como medida de recursos psicológicos e de capacidade adaptativa. Com efeito, os autores consideram, com razão, que a valorização destes recursos seria mais adequada se se excluíssem da referida soma os códigos $M-$ e se invertesse a ponderação das respostas cor, atribuindo 1,5 ao código FC e 0,5 ao código C. Tal como se apresenta, o pólo da cor, onde o domínio da cor recebe ponderações mais elevadas, quando a forma é secundária ou está ausente, não pode ser interpretado como manifestação de recursos de confrontação.

Um outro aspecto digno de nota diz respeito à variável $M/(M+W\text{Sum}C)$. Como se sabe, Rorschach classificou as pessoas em introversivas e extratensivas consoante, nos seus protocolos, houvesse um predomínio de respostas de Movimento humano (M) sobre o de respostas Cor (C) ou o inverso. No primeiro caso, tais pessoas tendem a pensar, reflectir antes de tomar uma decisão ou passar à acção; no segundo caso, as pessoas tendem a reagir e passar à acção sob a intensidade do impulso ou frente ao ambiente exterior. Do ponto de vista do processo de resposta, não há dificuldade em reconhecer que as coisas se passam assim. De maneira geral, os diversos sistemas do Rorschach observaram este dado e abstiveram-se de qualificar a personalidade das pessoas em função desta característica. Mary Ainsworth e Bruno Klopfer, por exemplo, observam: “Contudo, a apreciação da adaptação tem de ser considerada totalmente independente do equilíbrio introversivo-extratensivo; nem o introversivo, nem o extratensivo nem o ambigüal tem um lado de boa (ou má) adaptação” (M. Ainsworth, B. Klopfer, 1954, vol. 1, p. 372). No SIR, salientam os autores, os ambigüais são caracterizados como “tendo estilos de solução de problemas ineficazes ou incompletamente desenvolvidos que implicam inconsistência e vacilação” (Meyer et al., p.445). Ao salientar esta nota, cria-se a expectativa de que introversivos e extratensivos se encontram em pólos opostos, quando, na realidade, na amostra de não-pacientes, a correlação existente é de apenas 0,17 e de sinal positivo. Acresce que a distribuição dos tipos de vivências não apresentam uma distribuição bimodal, como afirma Exner, verificando-se que “a distribuição de $M/(M+W\text{Sum}C)$ mostra um pico no meio (leptocúrtica) pelo que o típico é cair no ponto médio (isto é, ambigüal)” (Meyer et al., p. 446), considerado, portanto, em termos de adaptação, em situação de igualdade em relação aos outros.

Na linha das notas anteriores, a investigação referente à variável $CF+C/\text{Sum} C$, que informa sobre a proporção das respostas com domínio da cor sobre a forma em relação às respostas cor com domínio da forma, confirma-se a função de controlo da forma sobre a expressão do emocional, em particular no caso de emoções negativas em amostras clínicas. Em termos de processo de resposta, a precedência da forma sobre a cor requer alguma forma de ajustamento ou articulação das reacções da pessoa ao estímulo interno ou externo.

Um último ponto considerado de referência pertinente diz respeito à proposta da distinção da variável espaço branco (S) entre inversão de figura-fundo e a integração do espaço branco na mancha. A investigação revela que as duas cotações SR e SI, não se relacionam entre si. A primeira relaciona-se com os estudos de inversão figura-fundo dos anos 50, de Bandura e Nelson, cujo significado se ligava a oposição e independência; a segunda correlaciona-se com nível educacional. Com efeito, do ponto de vista do processo de resposta, a integração do espaço branco na mancha implica uma operação cognitiva algo complexa.

O último capítulo, dedicado à criação de dados normativos de referência, detém-se, em pormenor, nos procedimentos usados para obter amostras equivalentes às obtidas mediante o modelo de aplicação R-Otimizado, como se referiu anteriormente. Uma das vantagens óbvias desta transformação, facilmente visível nas figuras que reproduzem a distribuição dos resultados das três amostras intervenientes, é a eliminação do elevado número de protocolos com 14 e 15 respostas presente na distribuição da amostra internacional de 1396 protocolos reduzida a uma amostra modelada de 640. A esta redução junta-se

igualmente a ligeira diminuição da variabilidade das respostas, tendo-se verificado que, em cinco variáveis, observaram-se reduções de 15% no valor dos desvios padrão.

Tendo em conta os resultados obtidos, verifica-se que, em termos estatísticos, a nova amostra do SADR, em relação à obtida segundo a metodologia de aplicação do SIR, ganhou no aspecto principal visado que foi o da redução da variabilidade de R e, conseqüentemente, da das notas com ele correlacionadas. Confirma-se, pois, a vantagem da opção da aplicação R-Otimizado e a maior consistência dos dados normativos mediante ela alcançados.

Os últimos passos na empresa de apresentar dados normativos de referência do SADR, consistem na transformação das notas brutas em percentis e na criação dos dados de referência da Complexidade Corrigida. Dado que, num número apreciável de variáveis do Rorschach, a distribuição das notas não é normal verificando-se, muitas vezes, a redução da extensão das notas possíveis, houve o cuidado de começar por transformar as notas brutas de cada variável em percentis, preservando, deste modo, o significado real que cada nota tem naquela distribuição específica. Esta operação é seguida da sua transformação numa distribuição em notas padronizadas com uma média de 100 e desvio-padrão de 15. Um tal procedimento permite dotar todas as variáveis de uma mesma natureza métrica e, assim, encarar todos os valores com idêntico significado interpretativo.

Uma última nota sobre a variável Complexidade. Já se referiu que se trata do principal marcador do primeiro factor do Rorschach cuja variância é partilhada por muitas outras notas do teste. Pela sua própria natureza, ela adquire uma característica unificadora da multiplicidade das notas registadas e facilita, desse modo, a identificação não apenas do nível geral de complexidade do protocolo mas também do modo como se distribui pelas notas e respectivos agregados, identificadores de domínios determinantes da avaliação da personalidade. O seu lugar no processo interpretativo mostra-se, pois, fundamental, constituindo, por um lado, um ponto de partida orientador e, por outro, uma referência valorativa que contribui para a compreensão do funcionamento psicológico do examinando, indicando a constância ou variabilidade do empenhamento e sucesso na resposta por parte do examinando. Insisto mesmo em afirmar que a informação proporcionada por esta variável é de molde a lançar alguma luz sobre a disparidade de resultados entre os vários instrumentos de avaliação aplicados, ocorrência não propriamente rara na prática da avaliação psicológica. Nesta perspectiva, a Complexidade Corrigida permite, de modo muito claro, determinar em que medida as diversas notas obtidas correspondem ou não ao nível esperado a partir da nota de Complexidade obtida no protocolo.

Ao terminar esta longa notícia sobre o SADR, não posso deixar de encarecer o trabalho, dedicação, persistência e amplitude de horizontes da equipa que o construiu e, desta forma, deu continuidade à obra encetada por Exner, homenageando-o. O SADR constitui, de facto, um salto em frente no estudo e desenvolvimento do mais antigo e original instrumento de avaliação da personalidade.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D., Klopfer, B. Evaluation of Intellectual Level, Control, Creative Potential and the Introversive-Extratsive Relationship. In B. Klopfer, Ainsworth, M. D., Klopfer, W. G., Holt, R. R. *Developments in the Rorschach Technique*, 1954, Vol. 1, pp. 352-375, Harcourt, Brace & World, New York.
- Exner, J. E. (2003) *The Rorschach A Comprehensive System Volume 1* (4th edition) New Jersey, John Wiley & Sons.
- Journal of Personality Assessment*, 2007, 89 Supplement 1.
- Meyer, G.J., Viglione, D. J., Mihura, J. L., Erard, R. E., & Erdberg, P. (2011) *Rorschach Performance Assessment System Administration, Coding, Interpretation and Technical Manual*. Published by RPAS, LLC
- Rorschach, H. (1967) *Psychodiagnostic Méthode et Résultats d'Une Expérience Diagnostique de Perception*. Paris, P.U.F.